

MAGNIFICA HUMANITAS

Acabo de ler a Carta Encíclica *Magnifica Humanitas*, de Leão XIV. As encíclicas são documentos pelos quais o Papa apresenta o pensamento da Igreja sobre questões teológicas, filosóficas e sociais. Embora hoje eu esteja afastado da Igreja Católica, continuo estudando Sociologia da Religião e considero este um dos documentos mais importantes publicados nos últimos anos. Seu tema é a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial, assunto que ultrapassa os limites da religião e interessa a toda a sociedade.

Quando o cardeal norte-americano Robert Prevost foi eleito Papa e escolheu o nome de Leão XIV, procurei compreender essa decisão. Logo ficou claro que se tratava de uma referência direta a Leão XIII, autor da histórica encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891. Naquele momento, a Igreja enfrentava os desafios da Revolução Industrial, denunciando a exploração do trabalho e propondo princípios de justiça social. Hoje, vivemos outra revolução. Já não são as máquinas a vapor que transformam o mundo, mas os algoritmos, a inteligência artificial, a robótica e a digitalização crescente da vida. O próprio Leão XIV explica que, se seu predecessor refletiu sobre as “coisas novas” do século XIX, cabe agora interpretar as profundas mudanças provocadas pela técnica no século XXI.

Antes de tratar da inteligência artificial, o Papa recorda que a doutrina social da Igreja sempre dialogou com a história, a cultura e as ciências humanas, sem abrir mão de princípios permanentes, como a dignidade da pessoa humana, os direitos humanos, o bem comum, a solidariedade e a justiça social. É sob essa perspectiva que examina os desafios tecnológicos do presente.

Leão XIV não condena a tecnologia. Reconhece que ela proporcionou avanços extraordinários para a humanidade, mas lembra que toda inovação traz consigo uma ambiguidade: pode promover o bem ou ampliar formas de dominação, dependendo do uso que dela se faz.

Sua reflexão sobre a inteligência artificial é particularmente esclarecedora. O Papa adverte contra o erro de equiparar a inteligência das máquinas à inteligência humana. Os sistemas de IA processam dados em velocidade impressionante, identificam padrões e executam tarefas complexas, mas não possuem consciência, memória afetiva, experiência de vida nem responsabilidade moral. Não conhecem o sofrimento, a amizade, o amor ou a compaixão. Calculam, mas não compreendem; respondem, mas não julgam. Essa diferença é decisiva, porque a inteligência humana não se resume à capacidade de calcular. Ela envolve consciência ética, liberdade e responsabilidade pelas consequências dos próprios atos.

Por isso, a inteligência artificial jamais é moralmente neutra. Todo sistema incorpora escolhas feitas por seus criadores: decide quais dados utilizar, quais objetivos priorizar e quais critérios adotar para classificar pessoas e situações. Por trás de cada algoritmo existem interesses, valores e decisões humanas.

Essa constatação conduz a uma questão ainda mais importante: quem controla essa tecnologia? Durante muito tempo, as grandes inovações estiveram sob liderança dos Estados. Hoje, parcela significativa desse poder concentra-se em grandes empresas privadas, frequentemente transnacionais, cuja capacidade econômica e tecnológica rivaliza com a de muitos governos. A encíclica alerta para essa concentração de poder, capaz de influenciar mercados, comportamentos e até processos democráticos.

Daí decorre outro tema central: a liberdade. Cada compra, deslocamento, pesquisa ou interação nas redes deixa rastros digitais. A coleta massiva desses dados permite traçar perfis, antecipar preferências e influenciar decisões sem que muitas pessoas percebam. A liberdade deixa de ser apenas uma experiência interior para tornar-se também uma questão política, exigindo transparência, regulação e limites claros para o uso das tecnologias invasivas.

Nesse contexto, Leão XIV dirige uma crítica severa ao transumanismo e ao pós-humanismo, correntes que depositam na técnica a esperança de superar os limites da própria condição humana. O transumanismo aposta no aperfeiçoamento físico e intelectual por meio da biomedicina, da engenharia genética e da integração entre homem e máquina. O pós-humanismo vai além e imagina uma nova etapa evolutiva em que desaparecem as fronteiras entre o humano, o artificial e o digital. Para o Papa, essa visão reduz a pessoa a um projeto de eficiência permanente, esquecendo que nossa humanidade também é feita de fragilidade, finitude, vínculos afetivos e responsabilidade moral.

A defesa da pessoa humana aparece igualmente quando reafirma o caráter universal e inalienável dos direitos humanos. Nenhum poder econômico, político ou tecnológico pode suprimi-los. Também retoma uma das preocupações centrais da *Rerum Novarum*: a exploração do trabalho. Denuncia a idolatria do lucro, o acúmulo excessivo de capital e as novas desigualdades produzidas pela economia digital. Recorda ainda que a lógica econômica alimenta conflitos internacionais e fortalece uma poderosa indústria bélica, cujos interesses frequentemente se sobrepõem à busca da paz.

Um dos momentos mais marcantes da encíclica é o reconhecimento da responsabilidade histórica da própria Igreja na legitimação da escravidão durante séculos. Ao pedir perdão por esse passado, Leão XIV não se limita ao reconhecimento histórico. Chama atenção para as novas formas de escravidão presentes na economia digital, desde as condições desumanas de trabalho na

extração de minerais estratégicos até a transformação dos dados pessoais em mercadoria.

Ao concluir a leitura de *Magnifica Humanitas*, tive a impressão de que Leão XIV procura desempenhar, diante da Revolução Digital, papel semelhante ao exercido por Leão XIII diante da Revolução Industrial. A pergunta permanece essencialmente a mesma: o progresso continuará a servir à pessoa humana ou será a pessoa reduzida a servir ao progresso?

Mais do que um documento sobre inteligência artificial, esta encíclica constitui uma vigorosa defesa da dignidade humana. Em uma época fascinada pelo poder dos algoritmos, Leão XIV recorda que nenhuma tecnologia substitui aquilo que nos torna verdadeiramente humanos: a consciência moral, a liberdade, a solidariedade e a responsabilidade pelo outro. Essa talvez seja a principal mensagem de *Magnifica Humanitas* e, certamente, uma das reflexões mais oportunas para o nosso tempo.